

RUBEM AZEVEDO LIMA

Edição Especial

A gangorra eleitoral

A grande imprensa minimizou o episódio, mas, após a cena de mal-estar que proporcionou a seus anfitriões, em Londres, o presidente Fernando Henrique Cardoso terá de cuidar melhor de sua saúde. Além dos médicos, os correligionários lhe pedirão que evite buchadas de bode e sarapatéis, reduza o ritmo das viagens ao exterior e cancele compromissos cansativos. Os políticos sabem dos efeitos devastadores de qualquer sinal de doença de um candidato no ânimo do eleitorado.

Não é a primeira vez que FHC assusta os amigos. Há tempos, frente às câmeras de televisão, ele enfiou a mão direita na manga esquerda do paletó e falou em tirar coelho da *cartola*. Dias depois, disse que "seus olhos *ou- vem* muito bem".

Para um país ainda traumatizado pelo drama de Tancredo, que não tomou posse na Presidência por motivo de doença, tais fatos, embora miúdos e talvez simples sinais de estresse, não deixam de preocupar. "É bom", dizem os amigos de FHC, "que o presidente, um intelectual, deixe a postura de atleta pantagruélico e de su-

per-homem político, se não tiver criptonita para demolir pratos indigestos e outros desafios à sua reeleição."

De mais a mais, FHC está para a coligação PSDB-PFL-PTB como Luiz Inácio Lula da Silva para o PT e, mal comparado, como Enéas para o Prona. Eles são insubstituíveis em seus respectivos partidos ou alianças, como candidatos à eleição presidencial de 1998, porque grandes puxadores de votos para os correligionários que concorrem a outros cargos eletivos. Enéas, candidato de pequeno partido, basta-se a si próprio e só quer ser César ou nada. Mas FHC e Lula, apoiados em alianças de partidos fortes, têm maiores responsabilidades e são reféns das agremiações que os apóiam, não lhes restando outra opção eleitoral.

Os demais presidenciaíveis, em geral, têm cómodas opções. Quase todos esperavam ventos favoráveis à suas candidaturas, mas soprados pela crise financeira mundial. Nenhum deles, porém, admitia outra hipótese de vulnerabilidade eleitoral de FHC, como a que surgiu em Londres e é capaz de alimentar muitos boatos, antes ou durante a

campanha presidencial de 98.

Os três pré-candidatos à Presidência pelo PMDB — Itamar Franco, José Sarney e Roberto Requião —, com o mínimo de liberdade de movimentos políticos que tinham, poderiam e podem lançar-se a qualquer cargo, sem parecerem estar fugindo a disputas difíceis, o que facilita acertos entre eles. Agora, como principais beneficiários de possíveis dúvidas no espírito dos eleitores, quanto a FHC, deverão concentrar-se mais em resolver as lutas internas no PMDB. Ao ex-ministro Ciro Gomes, do PPS, tanto fazia concorrer a governador do Ceará ou à Presidência. Talvez já não seja bem assim. Paulo Maluf tinha dois sonhos: governar São Paulo ou o Brasil. Pode fixar-se no segundo. No PFL, se o cavalo da sucessão passar à sua porta, sem FHC na sela, o senador Antonio Carlos Magalhães não hesitará em montá-lo. O PSDB exigirá o mesmo do governador Mário Covas.

Hoje, até que FHC corra a maratona, a sucessão parece não ter favorito. Amanhã, se ele espirrar ou tiver novo lapso de memória, poderá ser o azarão de 1998.